

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

FERNANDO DE SOUZA BONFIM

**ESCOLA CICLADA: OUTRA PERSPECTIVA DE AVALIAÇÃO EM NOVOS
TEMPOS E ESPAÇOS**

**PONTE E LACERDA-MT
2011/2**

FERNANDO DE SOUZA BONFIM

**ESCOLA CICLADA: OUTRA PERSPECTIVA DE AVALIAÇÃO EM NOVOS
TEMPOS E ESPAÇOS**

Monografia de conclusão de curso de graduação em letras, apresentada ao departamento de letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – *Campus* Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduação em letras, sob orientação da Prof. Me.Teresa de Pazos da Silva.

**PONTE E LACERDA-MT
2011/2**

BANCA EXAMINADORA

Aprovado em: ____/____/____.

Nota: ____

Orientadora: Prof.^a Me. Teresa de Pazos da Silva
Departamento de Letras
UNEMAT

1º Membro: Prof.^a Dr.^a Rosely A. Romanelli
Departamento de Letras
UNEMAT

2º Membro: Prof. Esp. Antonio Gomes
Departamento de Letras
UNEMAT

AGRADECIMENTOS

A Deus que me deu forças para continuar nessa longa trajetória em busca de um objetivo que se tornou pessoal.

A todos os professores que foram de total importância durante todo o meu percurso nesta universidade.

Em especial a universidade do Estado de Mato Grosso, por oportunizar essa capacitação da melhor forma possível.

Aos amigos de caminhada que se tornaram amigos de todos os momentos.

A toda a minha família que sempre esteve ao meu lado, me incentivando nos momentos de desânimo.

A minha tão querida orientadora Teresa Pazos, a quem devo toda a minha gratidão, por ter me acompanhado, orientado, incentivado nesse meu longo período de finalização, mesmo tendo vários outros compromissos de importância maior.

*E que eu possa cada vez mais
desaprender de pensar o pensado
e assim poder reinventar
o certo pelo errado*

Ferreira Gular

RESUMO

O presente trabalho propõe-se a discutir a escola ciclada, uma vez, que este é um tema que apesar de muito discutido nos últimos tempos, sempre será atual, pois este é o modelo de escola atualmente em vigor no estado de Mato Grosso, e por isso precisamos pensá-lo. Dessa forma, neste trabalho discutimos a proposta de ciclos de formação humanas, de acordo com o documento oficial Escola Ciclada de Mato Grosso, mais especificamente, discutimos a proposta de avaliação no interior dos ciclos. Inicialmente apontamos de forma sucinta alguns componentes desse novo modelo de escolaridade que por vários motivos se distingue da escola seriada. Em seguida nos atemos ao componente com importância mais significativa na escola ciclada, que é a avaliação, a qual sofre ou pelo menos deveria sofrer uma grande transformação neste novo espaço de ensinar, pois a avaliação da escola ciclada busca se desvencilhar do processo avaliativo tradicional da escola seriada, a qual é concebida como classificatória e excludente. Ao final apresentamos os dados coletados em uma pesquisa de campo realizada em uma escola pública estadual de Pontes e Lacerda, que trabalha com a escola ciclada. Nessa pesquisa tivemos como propósito verificar como o processo avaliativo vem se desenvolvendo, qual o posição dos profissionais da educação com relação aos ciclos de formação humana, e se realmente essa nova forma de educar proporciona não só continuidade aos estudos, mas, sobretudo, qualidade no ensino oferecido aos alunos.

Palavras-chaves: escola seriada, escola ciclada, avaliação.

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

B713e Bonfim, Fernando de Souza.

Escola Ciclada: Outra Perspectiva de Avaliação em Novos Tempos e Espaços. – Pontes e Lacerda - MT / Fernando de Souza Bonfim. – 2011. 28 f.

Orientador (a): Tereza de Pazos da Silva.
Universidade do Estado de Mato Grosso. Instituto de Linguagens.
Departamento de Letras, 2011.

1. Escola Seriada. 2. Escola Ciclada. 3. Avaliação. I. Título.

CDU 37.0(817.2)

Bibliotecária: Suzette Matos Bólito – CRB1/1945.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
I. NOÇÕES DO DESENVOLVIMENTO DA ESCOLA CICLADA.....	2
1. A Progressão.....	4
2. Educação Especial.....	5
3. A Retenção Na Escola Ciclada.....	6
4. Inclusão dos Alunos Defasados Idade-Ciclo-Turmas de Superação.....	7
II. ESCOLA CICLADA: UMA NOVA FORMA DE AVALIAR.....	9
III. DESCRIÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA, DA PESQUISA DE CAMPO E SEUS RESULTADOS.....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	21

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos a educação tem sido alvo de grandes discussões, haja vista, que tal instituição é tida como um meio de crescimento intelectual, pessoal e financeiro, além de ser um dos indicadores do IDH (índice de desenvolvimento humano) que mede o crescimento dos países a fim de determinar se um país é desenvolvido ou subdesenvolvido. Assim, tanto a sociedade quanto os governantes atribuíram à educação um papel de extrema importância para a vida individual e social o que conseqüentemente fez com que a educação passasse por diversas reformulações a fim de *organizar o currículo nas escolas de rede pública, de forma mais humana, com novos tempos e espaços para ensinar-aprender a sentir, ser e fazer.* (ESCOLA CICLADA DE MATO GROSSO, 2000, p.11)

Dentre tais mudanças acreditamos que a mais profunda tenha sido a substituição da escola seriada pela escola ciclada, que ocorreu em Mato Grosso, São Paulo, e em alguns outros estados, e é justamente esse novo espaço de ensinar-aprender que pretendemos discutir no trabalho que se segue. Para isso percebemos a necessidade de fazer uma breve comparação entre a escola seriada e a escola ciclada, haja vista, que a substituição daquela por esta provocou e ainda provoca grandes discussões entre estudiosos de renome, nas mais diversas áreas de formação, alguns contra outros a favor dessa substituição. Temos como propósito compreender o funcionamento bem como o processo avaliativo da Escola ciclada, bem como o modo como tem sido conduzido o processo avaliativo em seu interior, através de pesquisa que será pautada em apoios teóricos, e levantamento de dados em campo.

No primeiro capítulo, faremos algumas considerações a respeito do desenvolvimento da escola ciclada, discutiremos componentes tais como, retenção, progressão, educação especial entre outros. No segundo capítulo argumentaremos a respeito da avaliação, ou seja, mostraremos a distinção da avaliação das escolas seriadas com relação à escola ciclada, bem como o posicionamento do profissional da educação com relação à avaliação formativa, uma importante forma de conceber a avaliação na escola ciclada.

No terceiro e último capítulo foram apresentados os resultados da pesquisa de campo, procurando mostrar como o professor de fato tem trabalhado na escola organizada em ciclos de que forma vem avaliando o aluno. Procuramos também verificar como tem sido a adaptação do profissional perante essa transição, no processo avaliativo.

I. NOÇÕES DO DESENVOLVIMENTO DA ESCOLA CICLADA

Apesar dos ciclos parecerem algo atual em nossa sociedade este novo modelo de organização do ensino teve início em nosso país por volta da década de 80, quando alguns estados e municípios unificaram a 1ª e a 2ª série do ensino fundamental em um ciclo, com intuito de diminuir a evasão escolar e a reprovação nas séries iniciais.

Segundo a obra Escola Ciclada de Mato Grosso (2001), essa mudança foi pautada no princípio de que a flexibilização do tempo da escola ciclada possibilitaria que o currículo fosse trabalhado num período maior. É justamente esse tempo que permite respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos.

Este é um dos fatores, que permite aos defensores da escola ciclada acreditar que tal modelo de ensino seja a superação da escola seriada. Talvez essa visão seja decorrente da nova proposta do ensino reorganizado em ciclos, ou seja, este modelo de ensino prima pela efetivação de mudanças na prática da avaliação da aprendizagem, ou seja, a política da escola ciclada propõe uma ruptura com a avaliação classificatória, pois se acredita que a avaliação convencional, pautada pela atribuição de notas e pelo uso de provas para medir o conhecimento do aluno e determinar se este é aprovado ou reprovado, provoca a exclusão e, conseqüentemente, a evasão escolar.

Assim a escola ciclada não avalia apenas o conteúdo científico adquirido pelo aluno, mas outros fatores são levados em consideração no processo avaliativo, um deles deve-se ao fato de o aluno ser considerado como sujeito histórico do conhecimento, o que significa dizer que na escola ciclada é desenvolvido um currículo flexível. Nesse currículo é levado em consideração o conhecimento não científico que o aluno traz. Em outras palavras, ao avaliar o aluno o professor leva em consideração o conhecimento de mundo, as diversidades culturais, o contexto social etc. Com relação ao conhecimento Garcia e Alves (1999, p.101), mencionam que:

Muitas professoras sabem que há diferentes modos de tecer/criar conhecimentos; traçam-se conhecimentos na escola, mas também fora da escola, nos encontros e desencontros, no trabalho, nas brincadeiras, nas relações que dentro e fora da escola cada um vive. E cada um de nós puxa os fios dessa imensa rede, vai tecendo, a sua moda, seu tapete de significados, pois cada um de nós é único ainda que alguns tentem prender-nos em suas classificações, sempre redutores da complexidade e riqueza de cada eu e de cada nós [...]

Essa visão de aquisição do conhecimento rege o novo conceito de avaliação na escola ciclada. Nela o conteúdo é flexível, ou seja, é passível de mudança a partir do momento em que a professor percebe que os alunos não conseguem acompanhar o conteúdo. Assim a professor reelabora o conteúdo levando em consideração o conhecimento prévio dos alunos, além do mais a avaliação é feita de forma individual, sem comparar o aprendizado de um aluno com o outro, mas sim o que cada aluno conseguiu superar das suas dificuldades.

Pensando nisso o governo de Mato Grosso implantou a escola ciclada nas escolas estaduais do estado, as quais estão organizadas da seguinte forma: são três ciclos contendo três fases cada um. O 1º ciclo é constituído com alunos de 6 aos 9 anos, o 2º ciclo com alunos que tem entre 9 e 12 anos de idade e o 3º ciclo com os alunos de 12 aos 15 anos de idade.

Tais ciclos de formação humana pressupõem uma nova concepção de escola para o ensino fundamental, com novos tempos e espaços criados a fim de contribuir e auxiliar o professor bem como o aluno no processo de ensino/aprendizagem. A criação dos ciclos prevê a aprendizagem como um direito à cidadania, pensando nisso é possível relacionar a importância que os ciclos de formação humana destinam às fases de desenvolvimento das crianças, ou seja, ao determinar que as fases que compõem os ciclos sejam ocupadas por alunos de determinada idade, permite que os mesmos se relacionem com alunos da mesma idade, podendo dividir suas experiências e ter um melhor relacionamento já que possuem a mesma “linguagem”.

Com relação a isso, o documento oficial Escola Ciclada de Mato Grosso (2001, p. 51) salienta que: *Esta enturmação supõe que os alunos com os seus pares de idade terão mais facilidade nas trocas socializantes e na construção de suas identidades, isso porque são considerados interesses, curiosidades, e desejos próprios de cada ciclo de vida.*

Isso mostra que a Escola ciclada, aborda uma outra perspectiva da educação, a qual valoriza a diversidade, e compreende os mais diversos ritmos de aprendizagem, de modo que mesmo que um determinado aluno não tenha alcançado o mesmo desenvolvimento dos demais alunos de sua sala, mesmo assim este aluno seguirá em frente, e caberá ao professor tentar sanar as dificuldades deste aluno ao longo das demais fases do ciclo.

Além da enturmação por idade existem outros fatores na escola ciclada que a diferencia da seriada, pois para este novo método de ensino foi desenvolvida uma nova estrutura, da qual fazem parte, a progressão, a educação especial, a retenção, a inclusão dos alunos defasados idade – ciclo – turmas de superação, além disso, o professor regente conta com o apoio do coordenador pedagógico escolar e do professor articulador.

1. A Progressão

A escola ciclada não permite a reprovação e nem a retenção do aluno na fase, e de fase para fase, por conta disso podemos dizer que a terminalidade é a essência dos ciclos. Assim o professor regente faz um acompanhamento de cada aluno, com registros periódicos dos resultados das avaliações e o desenvolvimento do educando, o que permite ao professor fazer um diagnóstico de quais os alunos que necessitam de apoio especializado. No caso dos alunos PNE (portadores de necessidades especiais), estes receberão apoio em salas de recursos ou através do professor itinerante (professor com formação para atender alunos com necessidades especiais), já os alunos que não são portadores de deficiência, mas possuem dificuldade de aprendizagem, o apoio será feito pelo professor articulador.

É interessante mencionar que todo planejamento trabalhado nos serviços de apoio, não é elaborado apenas pelo professor itinerante ou o articulador, mas sim em conjunto com o professor regente, e o coordenador pedagógico, o que é extremamente importante. Nesse apoio é preciso levar em consideração o nível de desenvolvimento do aluno, suas possibilidades cognitivas e suas dificuldades, e ninguém melhor para saber isso que o professor regente.

Percebemos, portanto que ao contrário da escola seriada que reprova o aluno que não desenvolve as competências necessárias previstas pelo professor, na escola ciclada o ritmo de aprendizagem do aluno que conta e não o quanto ele aprendeu em certo espaço de tempo que é o que faz o regime seriado para tanto existem três formas de progressão as quais são: Progressão Simples, Progressão com Plano de Apoio Pedagógico e Progressão com Apoio de Serviços Especializados.

A Progressão Simples (PS) acontece quando o aluno desenvolve seus estudos normalmente, e passa para a fase seguinte sem a necessidade de apoio especial.

A Progressão com Plano de Apoio Pedagógico (PPAP) indica que o aluno progrediu de fase para fase com acompanhamento do plano de apoio pedagógico (PAP). É interessante mencionar que quando o aluno recebe este tipo de acompanhamento, é feito um relatório com todas as intervenções utilizadas em benefício do aluno, documento este que é arquivado na pasta do mesmo, assim sempre que o aluno for transferido de uma escola para a outra, a nova escola para a qual ele for saberá que o aluno passou de fase para fase ou de fase para ciclo com ajuda do (PAP), pois tal informação constará na transferência do mesmo.

Além das duas formas de progressão mostradas acima existe ainda a Progressão com Apoio de Serviços Especializados (PASE). Esta forma de progressão, por sua vez, é destinada aos alunos portadores de necessidades especiais. Nesta forma de progressão a avaliação pode ser a mesma adotada para as outras crianças ou podem ser feitas algumas adaptações quando necessário for

2. Educação Especial

Um dos lemas da escola ciclada é a inclusão, pois como já foi dito os ciclos de formação humana prevêm que a exclusão é uma das principais causas da evasão escolar. O que não foi dito é que essa inclusão não se deve apenas ao fato da escola ciclada garantir com a eliminação da repetência, o fim da seleção e conseqüentemente da classificação dos alunos. Além disso, esse novo modelo escolar garante também a inclusão de alunos com necessidades especiais.

Portanto as escolas que adotaram esse novo método de ensino deve se adequar, com novos tempos e espaços, a fim de cumprir com todas essas mudanças. Com relação à educação especial a *Escola Ciclada de Mato Grosso* menciona que:

Nas instituições escolares, o projeto, a organização e prática pedagógica devem respeitar a diversidade dos alunos a exigir diferenciação nos atos pedagógicos que contemplem suas necessidades educacionais especiais. Os serviços educacionais especiais, embora diferenciados, não podem desenvolver-se isoladamente, mas devem fazer parte de uma estratégia global de educação e visar suas finalidades gerais.

A Educação Especial se destina às crianças e jovens portadores de necessidades especiais que, por apresentarem necessidades próprias e diferentes dos demais alunos no domínio das aprendizagens curriculares correspondentes à sua idade, requerem recursos pedagógicos e metodologias educacionais específicas. (p.55)

Vemos, portanto, que é papel da escola se adequar para receber alunos, portadores de deficiência mental, auditiva, visual, física, portadores de condutas típicas, bem como portadores de alta habilidade/superdotação/ talentos.

Com relação a isso, acreditamos que realmente esta é uma linda proposta que, de fato, levaria à inclusão haja vista, que tal atitude elimina toda e qualquer exclusão, e ainda faz com que os alunos não portadores de necessidades especiais tenham convívio com o diferente, sem preconceito, porém a pergunta a ser feita é a seguinte: Será que o professor regente está apto para lidar com essa situação? Ou melhor, será que o professor consegue encontrar

formas, de desenvolver metodologias diferenciadas de forma que o aluno portador de necessidades especiais aprenda tanto quanto o aluno que não tem tais necessidades? Buscaremos descobrir por meio da pesquisa de campo.

3. A Retenção Na Escola Ciclada

Com a implantação da educação em ciclos houve a necessidade de um acompanhamento maior para as crianças que apresentassem dificuldade na aprendizagem, uma vez que as mesmas não podem ficar retidas nas fases. No ano de 2000 foi feito um diagnóstico nas escolas cicladas de Mato Grosso pela Secretaria de Estado de Educação com intuito de averiguar se todas as escolas que trabalham com a formação de ciclos humanos conseguiram se adequar, para proporcionar esse acompanhamento dos alunos e assim não haver a necessidade de reter os alunos já que estes teriam suas dificuldades sanadas com a ajuda do professor articulador.

Porém com a pesquisa feita no ano de 2000 pela Secretaria d Estado de Educação foi constatado que apenas 70% das escolas cicladas possuem em seu quadro de profissionais o professor articulador e todas elas vêm obtendo bons resultados, contudo os outros 30% das escolas não conseguiram atender às necessidades dos alunos que necessitam de apoio pedagógico. De acordo com o documento oficial Escola Ciclada de Mato Grosso (2000), os alunos com dificuldades e que não conseguem superá-las poderão ficar submetidos às seguintes situações:

- na passagem de um ciclo para o outro, o aluno poderá ficar retido no final do ciclo (RFC) por um período que não pode ultrapassar a 1 (um) ano letivo, podendo avançar para o ciclo seguinte em qualquer época do ano assim que tiver superado as dificuldades;
- para retenção no final do ciclo (RFC) deve ser elaborado um Plano de Apoio Pedagógico (PAP) pelo coletivo dos professores do ciclo (regente, articulador, e coordenador)... essa retenção só poderá ocorrer após analisado todo o processo de desenvolvimento do aluno no início da 1ª fase, da 2ª fase até o final do ciclo pelo coletivo dos professores e os mesmos concluírem que existem dificuldades na maioria dos componentes curriculares que dificultarão seu ritmo de aprendizagem no ciclo seguinte;
- essa retenção deverá evitar a comparação com os demais alunos assim como a homogeneização;
- buscar o envolvimento dos pais para que se posicionem acerca da medida a ser adotada, registrando e debatendo como os mesmos percebem o desenvolvimento do filho durante o ciclo; (p. 57)

Percebemos, portanto, que a retenção nas escolas cicladas é algo que depende de muita discussão e análise, não basta apenas que o aluno apresente algumas dificuldades. Porém, como foi dito acima o aluno só é retido caso tenha apresentado dificuldades em todas as fases do ciclo, é justamente por isso que as escolas que tem o professor articulador quase não têm registros de retenção uma vez que as dificuldades apresentadas nas fases são trabalhadas e, na maioria das vezes, sanadas.

4. Inclusão Dos Alunos Defasados Idade-Ciclo-Turmas De Superação

Como foi dito anteriormente a enturmação dos alunos nas fases de cada ciclo é feita com base na idade dos mesmos. Assim, como vêm alunos transferidos de outras escolas algumas vezes seriadas, isso significa que estes alunos que já reprovaram uma vez ou até mais, estes alunos ficam defasados, ou seja, cursam uma série em que estará fora da idade para a escola ciclada.

Deste modo, quando chega um aluno fora da idade para a escola que trabalha com os ciclos de formação humana, é feito a inclusão desse aluno defasado, pois para isso existem as turmas de superação e aceleração de aprendizagem, as quais funcionam da seguinte forma: os alunos com idade avançada para a fase que deveriam cursar são inseridos na turma de superação. Esta possui o tempo-ano diferente do ano-ciclo, o que significa que os alunos podem avançar para o ciclo seguinte em qualquer época do ano, desde que suas dificuldades sejam sanadas. O aluno da turma de superação que vai para a turma do ciclo recebe acompanhamento de Plano de Apoio Pedagógico.

Com relação às turmas de aceleração de aprendizagem, essas têm como propósito definir novas práticas pedagógicas com intuito de possibilitar aos alunos defasados o avanço e a inclusão na fase do ciclo que ele precisa superar. Contudo, é importante mencionar que tanto as turmas de superação quanto as de aceleração são turmas provisórias, pois à medida que os alunos defasados conseguem superar suas dificuldades os mesmos vão para as fases correspondentes à sua idade, dando fim a tais turmas especiais. O que significa que nas escolas cicladas os alunos nunca ficam atrasados, mesmo os que já vêm para a escola fora do período considerado aconselhável.

Para finalizar essa discussão acerca de alguns dos novos componentes que compõem a organização da escola ciclada, pontuaremos algumas das competências que devem ser cumpridas pelo coordenador pedagógico, bem como pelo professor articulador, já que no

decorrer deste capítulo, estes dois profissionais foram mencionados, mas em nenhum momento pontuamos quais de fato são suas verdadeiras funções. Para isso continuaremos nos apoiando nos pressupostos teóricos do documento *Escola Ciclada de Mato Grosso (2000)*..

Com relação ao coordenador pedagógico fazem parte de suas atribuições:

- Coordenar o planejamento e as ações pedagógicas;
- Articular a elaboração participativa do projeto político pedagógico;
- Coletar, analisar e divulgar os resultados de desempenho dos alunos, fazendo as intervenções necessárias;
- Desenvolver e coordenar sessões de estudos, nos horários de hora-atividade;
- Promover e incentivar a realização de encontros e palestras com alunos, pais, professores, sobre temas relevantes para a educação. (p. 61)

Estas são algumas das atribuições do coordenador pedagógico. Antes de pontuarmos as do professor articulador faz-se necessário mencionar que o mesmo não é um professor substituto, ao contrário, este professor faz parte do quadro de profissionais da escola, não possui uma turma fixa, sua função é trabalhar com pequenos grupos ou até mesmo com alunos isolados que possuem dificuldades nas fases ou nas turmas de superação. Após estes esclarecimentos, citaremos algumas de suas atribuições previstas na *Escola Ciclada de Mato Grosso* as quais são:

- Investigar o processo de construção de conhecimento e desenvolvimento do educando e atuar a partir dos dados e aspectos encontrados nessas investigações;
- Criar estratégias de atendimento educacional complementar integrada às atividades desenvolvidas pelo regente;
- Utilizar os mais diferenciados multimeios na sala de aula e em outros espaços;
- Registrar as atividades desenvolvidas, a frequência dos diferentes grupos e os avanços na ficha de desenvolvimento do educando. (p. 62)

Percebemos, portanto que com a implantação dos ciclos de formação o professor regente recebeu um apoio, ou seja, ele não mais está sozinho, pois conta com a ajuda do articulador e do coordenador pedagógico, assim, as escolas que adotaram esse novo método de ensino tiveram que se reestruturar criar novos espaços e tempos, pois este é um novo jeito de ensinar, ou melhor, é um novo jeito de conceber a educação.

Neste capítulo fizemos um pequeno levantamento sobre como deve ser o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem na Escola Ciclada, a partir daqui discutiremos uma das principais mudanças que se teve com a implantação da escola ciclada, ou seja, o processo avaliativo.

II. ESCOLA CICLADA: UMA NOVA FORMA DE AVALIAR

Historicamente o modelo escolar seriado e juntamente com ele a método avaliativo tradicional se perpetua por muito tempo, o que de certa forma cristalizou a idéia de que a escola é a detentora absoluta do saber, e por conta disso cumpre a mesma o papel social de transmitir conhecimentos.

Conforme nos mostra Fraiz (2006) em sua dissertação de mestrado o primeiro grupo escolar brasileiro foi construído em 1893 na cidade de São Paulo, conforme o modelo criado na Inglaterra em 1870 e instituía a idéia de serie e classificação de turmas. Buffa (2002) mostra como se configurava esse modelo escolar.

Em síntese, o agrupamento de classes, cada qual com seu professor, permitia um ensino simultâneo e não mais individualizado; uma nova organização espacial a exhibir beleza arquitetônica; uma nova sistematização do uso tempo, o tempo do relógio que marcava a entrada e a saída dos alunos, as horas de aulas, o recreio; a adoção de alguns princípios da pedagogia moderna, em especial o método intuitivo ou lições de coisas; a institucionalização dos saberes elementares das ciências físicas e naturais e noções de educação moral e cívica... festas de encerramento de ano letivo, comemorações cívicas, tais são, em síntese, as características dessas escolas graduadas. (BUFFA, 2002, p.54)

Como podemos, ver esse modelo contribuiu e influenciou a organização da escola seriada, porém faz-se necessário mencionar que há uma grande diferença na clientela daquela época com relação à clientela da atualidade, ou seja, naquela época os alunos eram mais ou mesmo homogêneos uma vez que os mesmo apresentavam experiências culturais, poder aquisitivo e tradição familiar semelhantes.

No entanto com o passar do tempo à escola se popularizou, com isso houve uma ampliação com relação à diversidade cultural dos alunos, *as condições que estiveram presentes quando da institucionalização desta modalidade já não são as mesmas, a heterogeneidade dos alunos aumentou, o sistema escolar tornou-se maior e mais complexo. (FRAIZ, 2006, p. 20)*

Por conta disso, esse formato escolar veio desencadeando altos índices de reprovação, o que se deve pelo fato de que a avaliação na escola seriada tem caráter classificatório, haja vista, que nesse modelo de organização escolar à reprovação faz parte do processo ensino-aprendizagem. Nele o conhecimento do aluno é, via de regra, medido pelo que ele consegue desenvolver dos conteúdos apresentados, é aplicada uma prova ao fim dos bimestres ou

semestres com intuito de atribuir notas ou conceitos aos alunos, nota esta que é tomada como referencial para a aprovação ou reprovação do mesmo à série subsequente.

Tal processo avaliativo é tomado nas discussões atuais, pelos mais diversos estudiosos como uma prática de avaliação seletiva, uma vez, que as notas atribuídas aos alunos são um meio de classificá-los, para separar os estudantes que continuarão nas séries progressivas daqueles que irão refazê-las, com o intuito de aprender as competências não adquiridas no decorrer do ano, de acordo com Fraiz (2006) tal procedimento dá *uma falsa idéia de aprendizagem. (p. 22)*

Por todas essas questões a avaliação é, ou pelo menos, deveria ser uma das mudanças mais significativas da escola ciclada, o que se deve pelo fato de que neste novo espaço de educar, a proposta avaliativa é pautada no desvencilhamento dessa: *‘Cultura avaliativa’ que está fortemente impregnada nas organizações escolares, direcionando expectativas e práticas dos professores e outros profissionais da educação, dos alunos e dos pais. (SOUZA, 2007, p.16).*

Assim sendo, o processo avaliativo tem sido pensado e repensado, no sentido de que a partir do momento em que a avaliação é utilizada para determinar a aprovação ou reprovação do aluno, o conhecimento adquirido pelo mesmo deixa de ser centralidade, e a preocupação dos professores, alunos e pais passa a ser tão somente as notas, ou seja, o número de pontos necessário para ser aprovado.

Além disso, de acordo com Sousa (2007) esse procedimento avaliativo:

Tem sido utilizado, via de regra, como instrumento de controle e adaptação das condutas educacionais e sociais do aluno. Com a pretensão de se conseguir um clima favorável para a aprendizagem, trabalha-se com o aluno na direção da submissão e adequação a padrões e normas comportamentais, sendo punido o aluno “desobediente”, com baixos conceitos, que podem levá-lo à reprovação ou até ao convencimento de que é incapaz de adaptar-se à escola. (SOUZA, 2007, p.16)

Isso mostra que na maioria das vezes o professor da escola seriada que trabalha com o processo avaliativo tradicional utiliza a avaliação como um meio de manter o domínio de sala. Desse modo o aluno que não tiver um bom comportamento será punido no momento em que for avaliado independentemente do desenvolvimento que o mesmo tenha tido. Pode acontecer de um “mau” aluno em questões comportamentais tirar um 5,5 na prova e o professor atribuir 5,0 pelo fato do mesmo ter tido um mau comportamento, ao mesmo tempo em que um “bom” aluno de acordo com o julgamento do professor pode tirar 5,0 e o professor atribuir 5,5 pelo

fato do mesmo ser um bom aluno, faz-se necessário mencionar que em muitas realidades educacionais 5,0 e 5,5, são respectivamente notas de reprovação e aprovação, assim através da punição e da recompensa por mau ou bom comportamento o professor mantém o domínio da sala.

Para tanto, os ciclos de formação humana, ou seja, a escola ciclada busca romper com esse processo avaliativo na maioria das vezes utilizado nas escolas seriadas. Nesse novo ambiente escolar tem-se a concepção de uma avaliação formativa, na qual são focados os avanços dos estudantes, considerando os erros não meramente como tal, mas como caminhos para aprendizagem. Souza na obra *Estudos avançados* afirma que:

A implantação dos ciclos, ao prever uma organização do trabalho escolar em novas bases, supõe tratar o conhecimento como processo e, portanto, como [...] uma vivência que não se coaduna com a idéia de interrupção, mas sim de construção, em que o aluno, como sujeito da ação, está continuamente sendo formado, ou melhor, se formando, construindo significados com base nas relações que estabelece com o mundo e com outros seres humanos.

A natureza dinâmica, relativa e plural do conhecimento ganha centralidade, opondo-se à noção de conhecimento como algo estático, que se traduz em um rol de conteúdos e habilidades a serem dominados pelos alunos, em um dado tempo, de modo cumulativo, desconsiderando-se as diferenças individuais e socioculturais dos alunos, o que tem resultado, historicamente em nosso sistema de ensino, na exclusão e seletividade de parcela significativa dos que nele ingressam.

O que está em questão é a constituição de uma escola que se pautar pelo compromisso com a inclusão escolar e social de todos, rompendo-se com a noção, tradicionalmente assimilada, de que a sua finalidade é transmitir um dado conjunto de informações que devem ser assimiladas por todos os alunos, mas que, 'já se sabe', nem todos têm condições de dominá-las, nos tempos e nas condições preestabelecidas. (SOUZA, 2007, p.21)

Dessa forma, a escola ciclada, ao contrario da seriada prima pela individualidade dos alunos, já que cada criança tem um tempo individual para a aquisição das informações, por conta disso o aluno não será reprovado pelo simples fato de não ter assimilado determinado conteúdo, uma vez, que o mesmo pode perfeitamente compreender os conteúdos subseqüentes independentemente da não aquisição daquele, já que os conteúdos escolares não são pré-requisitos, o aluno pode produzir textos maravilhosos sem conhecer profundamente a gramática ou vice versa.

Porém é preciso esclarecer que a escola ciclada não deve ser reduzida a não retenção, uma vez, que a progressão por si só não basta para garantir o não fracasso escolar, o que significa dizer que as competências não adquiridas pelo estudante em uma determinada fase devem ser sanadas, o professor bem como a escola devem criar mecanismos para atender as necessidades dos alunos.

Organizar a escola por ciclos significa então, respeitar o tempo de vida, os ciclos de desenvolvimento humano, por isso as idades da vida passam a ser o eixo estruturante do planejar e fazer educativos. Agrupam-se crianças e adolescentes pela idade e não pelo conhecimento anterior adquirido, entendendo que existe um desenvolvimento possível a cada fase de formação, o qual gera necessidades pedagógicas diferenciadas, propostas e vivenciadas na escola... O aluno não aprende pelo simples fato de ser agrupado pela idade, mas sim, pelo fato da escola proporcionar intervenções que atendam as necessidades e que reconheçam o seu desenvolvimento atual e as possibilidades de sua idade. (FRAIZ, 2006, p. 21)

A crítica confirma a questão de que as competências não adquiridas pelo aluno precisam ser sanadas no decorrer de sua vida escolar, dessa forma o professor precisa conhecer cada aluno para a elaboração dessas intervenções, ou seja, o professor terá que estar apto para desenvolver um trabalho individual, pois em uma turma com aproximadamente 30 alunos a diversidade cultural e a distinção da capacidade cognitiva serão recorrentes, cabendo ao professor elaborar seu planejamento de acordo com as necessidades de cada aluno.

Dessa forma, a avaliação na escola ciclada é redefinida cumprindo um papel outro com relação ao da escola seriada que possui caráter quantitativo, a avaliação da escola ciclada deve ser processual, continua, cumprindo o papel diagnóstico, investigativo e com isso fornecer informações para que o professor elabore ações pedagógicas pertinentes a cada um de seus alunos.

Diante disso, a responsabilidade do fracasso escolar deixa de ser responsabilidade única e exclusivamente do aluno, nos ciclos de formação humana:

O professor passa a ser o profissional do desenvolvimento humano, e sua ação educativa terá como elementos fundamentais compreender como se efetua a construção do conhecimento modifica os processos de pensamento. Daí porque, é importante nesta implantação garantia de condições de trabalho que permitam ao professor consciência de suas concepções, e sua reformulação quando necessário, bem como a sua formação continuada concomitante a identificação dos problemas a serem enfrentados. (FRAIZ, 2006, p.22)

Talvez este seja um dos fatores pelo qual, muitos profissionais demonstrem certa resistência com a implantação dos ciclos, pois ao analisarmos a crítica acima percebemos que a responsabilidade do professor é um tanto quanto maior, pelo menos no que se refere ao fato de o professor ter que avaliar cada aluno individualmente e assim criar um planejamento para atender as capacidades de cada aluno sem a utilização do “recurso didático avaliação” para que o aluno se veja obrigado a estudar.

Dessa forma, no momento em que uma determinada instituição seja ela privada ou publica decidir implantar os ciclos de formação humana, é necessário que os gestores bem como os governadores (ao se tratar de escolas estaduais) de subsídios a escola que compete a espaço físico e ao professor, para que a aprendizagem de fato se efetive.

Para isso a escola deve também se estruturar fisicamente, ou seja, obter novos espaços físicos, ampliar o quadro do professor, uma vez que a presença do professor articulador é indispensável, pois como bem foi dito anteriormente o plano pedagógico deve ser elaborado de forma que contemplem as dificuldades de cada aluno.

Portanto o professor regente necessita de ajuda, pois o numero de alunos geralmente excede ao que o professor é capaz de contemplar e desenvolvendo um bom trabalho. Porém varias pesquisas da atualidade relacionadas ao tema infelizmente apontam que as escolas que aderiram aos ciclos de formação humana sofreram apenas mudanças superficiais, sem grandes mudanças que alterem a lógica seriada, segundo GROSSI (2002, p.68):

Assegurar aprendizagens escolares não acontecerá como consequência de meras medidas burocráticas, tais como a substituição de series por ciclos, mas sim, através de boa instrumentalização didática a qual está muito distante da sala de aula brasileira. Boa instrumentalização didática, isto é, boa pratica para ensinar na sala de aula só será boa se for apoiada em base sólida teórica e não em uma mistura de modelos. (p.68)

A partir do exposto, em nossa pesquisa de campo observamos como os alunos da escola pesquisada vêm sendo avaliados, qual o posicionamento dos professores e profissionais num todo, com relação à implantação dos ciclos de formação humana, e se houve a implantação dos referidos ciclos ou se a escola ciclada do nosso Estado não passa de mera medida burocrática consistindo apenas na substituição de series por ciclos.

III. DESCRIÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA, DA PESQUISA DE CAMPO E SEUS RESULTADOS.

A pesquisa de campo foi feita em uma escola estadual do município de Pontes e Lacerda, a qual já trabalhou com ensino médio, porém nos dias de hoje a escola trabalha apenas com o ensino fundamental, possui em seu espaço físico aproximadamente 15 salas de aula, biblioteca, sala dos professores, sala de vídeo, refeitório, sala de articulação¹, espaço para leitura, quadra de esportes, parque para as crianças de 1 a 4, laboratório de informática, e a pouco tempo foi contemplada com a sala de recurso que possui uma profissional especializada na área. Podemos dizer, portanto, que pelo menos no que compete ao espaço físico a escola atende ao que é proposto para a escola ciclada.

Nossa pesquisa foi feita em duas etapas, observação de uma turma, entrevista com alguns professores dentre eles os professores articuladores, os quais auxiliam os professores regentes com relação ao reforço e a avaliação dos alunos que necessitam de um atendimento extraclasse.

Fizemos nossa observação em uma turma da II fase do II ciclo, o que corresponde ao 5º ano do ensino fundamental de 9 anos e 4ª série do ensino fundamental de 8 anos. A turma em questão era constituída por cerca de 29 alunos, sendo um deles PNE (portador de necessidades especiais).

Durante a observação desta turma, a qual teve duração de 03 dias, percebemos que os alunos aparentemente tinham a mesma idade, salvo dois ou três que vieram transferidos de outra escola e posteriormente serão inseridas nas séries correspondentes às suas respectivas idades, segundo os professores articuladores. Com relação ao comportamento dos alunos, podemos dizer que os mesmos se relacionavam de forma harmoniosa, e também era boa a relação com a professora. Contudo foi visível a preocupação da mesma, que precisava se desdobrar para atender todas as necessidades dos alunos, pois a diferença entre o conhecimento cognitivo deles era enorme, ou seja, havia naquela turma do II ciclo, II fase, alunos que praticamente não sabiam ler e escrever. Assim, a professora, muitas vezes, se via na encruzilhada de ter que escolher, em deixar de atender os demais alunos por alguns instantes e dar uma atenção maior para os alunos que apresentavam dificuldades ou em seguir em frente e fazer de conta que não havia dificuldades por parte de alguns dos alunos.

¹ Segundo “Projeto Sala de Articulação” da Escola Pública Municipal de Santa Terezinha. A sala de articulação é uma alternativa de atendimento a educandos com dificuldades de aprendizagem que freqüentam a classe regular e irá receber atendimento no contra turno, com professor especializado, material e recursos pedagógicos adequados, dando ênfase as atividades lúdicas.

Ao entrevistarmos a professora dessa turma, perguntamos como era feita a avaliação dos alunos. Segundo a mesma, durante o bimestre é trabalhado o conteúdo programado, e ao fim do bimestre é dada uma prova de avaliação para alunos, no entanto as notas não são levadas em consideração, pois como a escola é ciclada, é feito uma avaliação descritiva para cada aluno, na qual mesmo que os alunos não atinjam todas as competências almejadas pelo professor, este deve sempre dizer que o aluno está em processo de construção do seu conhecimento, possui um bom relacionamento, etc.

Além disso, a professora foi bem clara em mostrar sua insatisfação por não poder atribuir ao aluno uma nota justa, a mesma afirmou que é obrigada pelo sistema a “mentir”, uma vez que passa um aluno de ano sem que ele tenha condições de acompanhar a turma posterior, e mesmo assim ela tem fazer uma avaliação descritiva dizendo que o aluno tem condições de ir para a fase do ciclo subsequente.

Percebemos, portanto a insatisfação que a professora demonstra por trabalhar em um sistema com o qual não concorda. Isso se deve ao fato de que a escola ciclada foi imposta sem o professor ser preparado para isso. Percebe-se que a professora, assim como a maioria dos educadores, ainda está impregnada pelo modelo educacional empregado nas escolas seriadas o que faz com que o professor demonstre certa resistência com essa nova escola e principalmente com esse novo processo avaliativo. Com relação a isso Claudia Fernandes (2009) menciona que:

Embora o debate atual sobre avaliação dos processos de aprendizagem seja quase que unânime em relação à concepção de que uma avaliação deve ser formativa, processual, com ênfase qualitativa, focando os avanços dos estudantes considerando os erros não como tais, mas como caminhos para a aprendizagem, o que ainda observamos é a presença de prática avaliativa seletiva [...] a escola hoje perpassada por lógicas distintas, fortalece a resistência dos docentes em modificar suas práticas de avaliação. Digo isso no sentido de que a avaliação ainda é para o professor um mecanismo de controle que faz com que seus alunos estudem e se dediquem, pois há a intenção e a preocupação de que os alunos aprendam os conteúdos estipulados nos programas, uma vez que são legitimados socialmente. Outro aspecto que deve ser considerado diz respeito ao fato de que, mesmo que o sistema de avaliação das redes que implantaram experiências de ciclos e progressão tenha sido modificado em relação ao regime de promoção e em relação a decisões sobre os destinos dos alunos (reorientação, recuperação aceleração etc.), a concepção ainda é a de que, se não haverá reprovação, então não será necessário avaliar, pois em nossa cultura escolar, avaliação ainda é sinônimo de medida, de verificação para uma qualificação com fins de aprovação ou reprovação, de classificação. (FERNANDES, 2009, p. 108-109)

Tais palavras comprovam que a avaliação tradicional ainda está arraigada em nossos educadores, mesmo naqueles que já vem trabalhando com os ciclos de formação humana, o que faz com que muitos dos profissionais, principalmente os professores da educação ciclada

se encontrem desacreditados. Pudemos comprovar isso ao entrevistarmos um professor da escola pesquisada. Fizemos ao referido professor a seguinte pergunta: qual a sua posição com relação à escola ciclada, mais especificamente ao processo avaliativo dessa nova escola?

Conforme a palavra do professor, com a implantação dessa nova escola ficou mais difícil dar aulas, pois os alunos não respeitam mais o professor, eles o enfrentam. Segundo o professor os alunos *sabem e afirmam que não podem reprovar, fazem as atividades quando querem e atrapalham o desenvolvimento da aula sempre que não estão a fim de estudar*. O entrevistado faz um desabafo:

[...] não temos mais autoridade, fingimos que ensinamos e eles fingem que aprendem e seguem passando de ano, não são selecionados aqui na escola, mas será quando prestar um vestibular quando concorrer a uma vaga de emprego, ou seja, será que resolve uma escola não seletiva quando se vive num país seletivo.

Faz-se necessário mencionar que a opinião do professor acima mencionada, não é isolada a maioria dos professores dessa instituição compartilha dessa opinião, a qual também é comungada por vários outros professores outras instituições desta e de outras cidades e Estado, Mendes menciona que:

[...] a maioria dos professores entrevistados não concordam ou tem resistência ao processo de implantação da política de organização escolar na forma de ciclos. Suas principais reclamações são que a teoria é bonita, porém, colocar em prática é outra coisa [...] após termos analisado os aspectos que a avaliação passou no decorrer da história, desde a educação tradicional até o momento em que vivemos, onde diversas nomenclaturas são elaboradas para tentar explicar para os propósitos que a mesma se destina, precisamos neste momento abordar uma questão que parece ser a grande confusão na cabeça dos professores: hoje, devemos ou não avaliar? Como ensinar sem aplicar provas? Como fazer o aluno ser participativo e aprender se ele sabe que não vai ter provas e não será retido? (MENDES, 2011, p.05)

Pelo exposto vemos que os anseios e a resistência dos professores em aceitar esse novo modelo de ensino, ou melhor, essa nova proposta avaliativa não se restringe aos profissionais da instituição pesquisada, o que se deve pelo fato de que a avaliação tradicional perdurou por muito tempo em nossa sociedade, o que significa dizer que a mesma faz parte da nossa formação, antes de aceitar a avaliação formativa, é preciso se desvencilhar da avaliação tradicional.

Para tanto, vemos que apesar das escolas do nosso estado serem cicladas já há alguns anos, o profissional da educação ainda se vê um tanto quanto perdido nessa transição, sem

saber como avaliar o aluno nesse novo modelo escolar, pois como bem vimos na turma observada a professora trabalha todo o conteúdo e no final da uma prova, atribuí uma nota mesmo sabendo que esta não ira para o histórico escolar do aluno, haja vista, que no sistema ciclado a avaliação é descritiva.

Essa resistência do professor com relação ao processo avaliativo da escola ciclada também é mencionada no artigo de Mendes (2011, p.05). De acordo com a mesma o *professor se sente indefeso em sala de aula se não puder contar com instrumento avaliativo para ser usado como forma de controle sobre os alunos*. De acordo com a autora, os professores na maioria das vezes resistem a esse novo modelo de avaliar por não encontrarem outra maneira de controlar o aluno, essa é a maneira com a qual os professores trabalharam anos e anos, o que se deve pelo fato de que:

Para o sistema seriado fomos cria e ele terminou nos formando e deformando. Trazendo suas marcas em nossa pele, em nossa cultura profissional. Desconstruindo a organização seriada e sua lógica é desconstruir um pedaço de nós. Os ciclos ameaçam nossa auto-imagem (ARROYO, 1999, P.144)

Durante a pesquisa, foi possível observar explicitamente nos professores entrevistados tais marcas decorrentes do nosso processo de formação, pois vários professores se mostraram contrários a implantação dos ciclos em nosso Estado, mas houve uma fala em especial , ou melhor um desabafo de um professor entrevistado que vemos por bem descrevê-la e analisá-la. Tal desabafo nos chama a atenção, pois como veremos a mesma é um misto de equivoco e realidade, como relata o professor:

O processo de aprendizagem, do ensino fundamental e médio passa por avaliação dissertativa em que os professores, na maioria das vezes, avalia apenas o comportamento e a força de vontade e assim o aluno segue passando de ano. O aluno é acostumado dessa forma, mas depois sofrerá um choque brusco ao tentar um vestibular, ou um concurso público, pois esses requisitos não são avaliados, ou sabe ou não ingressa na universidade para prosseguir com os estudos. Dessa forma o aluno passará por constrangimento, frustração e baixa-auto-estima. Não sou tradicionalista, sou apenas realista para que a forma de avaliação da escola ciclada de certo é preciso que mude também o sistema, pois é o sistema que vai cobrar diferente depois. Ao fazermos um concurso público seja ele para qual are for, passamos por avaliação escrita, ou seja, tão 'repugnada' prova se vamos prestar vestibular para qualquer área que for a avaliação também será de prova escrita, assim se dá o processo de seleção para o ingresso na carreira profissional. O discurso é lindo, mas onde está a prática? A escola ciclada foi implantada em nosso estado a mais de 10 anos com o intuito de diminuir o índice de repetência, isso aconteceu, é claro, mais onde está a pratica do discurso da escola investigadora de conhecimentos, isso na realidade não vemos acontecer, o que vemos são crianças despreparadas que são progredidas sem atingir os objetivos

educacionais da série em curso pelo simples fato de que na escola ciclada não há retenção do aluno. (FALA DO PROFESSOR ENTREVISTADO, 2011).

Quando nos propomos a descrever as palavras do professor mencionamos que a mesma era contida de equívocos e realidade, com relação ao equívoco podemos dizer que isso ocorre no momento em que professor afirma que *vê os alunos despreparados pelo simples fato de não haver reprovação*, haja vista que afirmar isso é o mesmo que dizer que a avaliação realizada por intermédio da prova seja capaz de solucionar o problema da aprendizagem. Segundo Fraiz (2006, p.21) *atualmente a clareza de que não existe base teórica para a reprovação e de que a mesma não soluciona o problema da aprendizagem, além de trazer vários problemas e prejuízos, principalmente pelos alunos que são culpabilizados pelo fracasso escolar.*

É necessário levar em consideração ainda que os ciclos não prevêm que o aluno passe por todas suas etapas despreparado, e se isso de fato acontece vem ocorrendo alguma falha, pois como já foi dito anteriormente é previsto que a escola que aderir os ciclos deve criar mecanismos, ou melhor, práticas pedagógicas que abarquem as dificuldades desses alunos, uma vez que na organização em ciclos, a concepção de currículo esta voltada na formação do individuo, *sendo os conteúdos mediadores desse conhecimento incluindo as formas de atividade humana inerentes a construção desse conhecimento (idem, p. 22).*

Com relação à realidade ou a verdade dita pelo professor essa está no fato do mesmo afirmar que a nossa sociedade é por excelência seletiva e classificatória, principalmente quando o assunto é a inserção dos nossos alunos na universidade. Como sabemos infelizmente no Brasil nem todos terão acesso ao ensino superior de qualidade o que está longe de acontecer.

Diante disso, podemos dizer que a organização por ciclos de formação humana são destoantes com a nossa sociedade, pois os alunos podem até não ser selecionados e classificados no interior da escola, mas com certeza em algum momento fora dela serão. Pensando por esse lado acreditamos que será difícil mudar a cultura da escola elitista e autoritária, que persiste a mais de 100 anos, se a nossa sociedade contradiz os conceitos da avaliação humanista, e se por ela somos moldados e interpelados.

A dissonância da concepção de escola ciclada com a sociedade em que vivemos se amplia mais ainda a partir do momento em que uma determinada instituição se propõe a trabalhar com o modelo ciclado, mas por questões políticas precisa selecionar seus alunos para fazer um provinha Brasil ou uma olimpíada de matemática, o que é feito para medir

conhecimento dos alunos, sendo que os melhores, isto é, os tiverem as melhores notas são gratificados/recompensados com menções de honraria.

O que nos faz questionar e repensar essa forma de organização por ciclos que se instaurou em nosso estado: Será que como menciona GROSSI, essa nova organização não tem se constituído apenas em mudanças superficiais que em nada alteram a lógica seriada? Para esse autor, a aprendizagem não é assegurada apenas com mudanças burocráticas como a substituição de séries por ciclos, é preciso mais do que isso, é preciso que haja uma boa instrumentalização didática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em questão nos fez perceber o quanto o tema avaliação é complexo, uma vez, que a avaliação seja ela tradicional ou humanista implica no desenvolvimento e na formação do aluno. No entanto os profissionais não sabem como desenvolver tal procedimento no interior de uma instituição que segue os moldes dos ciclos de formação humana.

O que se deve pelo fato de que somos interpelados por um contexto histórico que se constitui a mais de 100 anos, o qual prevê que para construção do conhecimento do aluno é preciso avaliá-lo, pois só assim o aluno é levado a estudar, portanto o paradigma que construímos acerca da educação/avaliação *não advém da vontade dos educadores, mais é constituída a partir de uma organização sócio-histórico... a cultura da reprovação é forte entre professores, diretores e também pais e alunos (FRAIZ, 2006, 24-25).*

Acreditamos que essa concepção deve ser rompida, pois a partir dos estudos feitos até aqui percebemos que de fato a organização seriada com as características herdadas das escolas graduadas não mais se adéqua as necessidades da sociedade atual, uma vez que, ao longo do tempo a organização escolar se massificou e o projeto escola seriada já não se identifica a essa nova clientela.

Assim, mudar é preciso, porém é necessário preparar e dar suporte aos profissionais para que essa mudança não seja apenas burocrática, como vem acontecendo e principalmente para que os professores não se sintam incapazes de desempenhar suas atividades, o que significa dizer que o professor precisa ser reclassificado junto com a reclassificação da organização escolar, caso contrário os professores continuaram vendo os alunos chegarem lá na frente despreparado.

É preciso dizer ainda que independente do modelo que se instaure na instituição a qual o professor pertence o mesmo não deve se esquecer que dentro da sala de aula quem deve conduzir o trabalho da melhor forma possível em prol à aprendizagem do aluno é ele, uma vez que seja na escola seriada ou na ciclada o professor será sempre o “responsável pela aprendizagem do aluno” e se o aluno está chegando despreparado o professor realmente precisa repensar sua prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda e GARCIA, Regina leite (1999). *Pra Começo de Conversa*. In ALVES, Nilda e Garcia, Regina Leite (orgs) *O Sentido da Escola..* Rio de Janeiro: DP&A. P.7-16.

ARROYO, Miguel G. Ciclos de Desenvolvimento Humanos e Formação de Educadores. *Educação e Sociedade*, Campinas ano XX, nº 68, Dez 1999
<http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a08v2068.pdf>

BUFFA, Ester, PINTO, Gelson A. *Arquitetura e Educação: Organização do Espaço e Proposta Pedagógica dos Grupos Escolares Paulistas, 1893-1971* São Carlos: EDUFSCAR, INEP, 2002.
<http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/59/52>

FERNANDES, Claudia de Oliveira, *Escolaridade em Ciclos: desafios para a escola do século XXI* – Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

FRAIZ, Rosana Cristina Carvalho, *A Organização Escolar Em Ciclos Municipal de Araraquara – 2001 a 2005*, dissertação de mestrado, São Carlos: EFSCAR, 2006.

GROSSI: Ester. *Por que Séries e Não Ciclos?* Revista Pátio V. 4 nº13, p.46-50, Maio/junho 2000.

MATO GROSSO, Secretaria de Estado de Educação. *ESCOLA CICLADA DE MATO GROSSO: Novos Tempos e Espaços Para Ensinar – Aprender a Sentir, Ser e Fazer*. Cuiabá: SEDUC. 2000.

MENDES, Monica de Almeida, *Modificações Do Processo Avaliativo Da Aprendizagem Nos Anos Iniciais Do Ensino Fundamental v.2, nº1* 2011.
http://projetos.unemat-net.br/revistas_eletronicas/index.php/article/view/124/46

SOUZA, Sandra Zákia. *Avaliação, Ciclos e Qualidade do Ensino Fundamental: uma relação a ser construída, estudos avançados*. 2007
<http://www.scielo.br/pdf/ea/v21n60/a03v2160.pdf>